

A estatuária neoclássica do escadório da Peneda *

ALBERTO A. ABREU

1. Introdução

As viagens à Terra Santa, que desde cedo se realizaram por toda a cristandade, e as peregrinações que as secundaram ou mesmo substituíram exprimem, pelo caminhar que as integra, uma ascese, mas possuem também um pendor místico, já que, por meio delas, o peregrino repete os gestos de Jesus, Ele também peregrino e caminhante. Este mesmo duplo objectivo esteve na origem dos santuários de *via crucis*, que pretenderam reproduzir a subida de Jesus ao Calvário¹.

Estes, assim como a correlativa devoção à Paixão de Cristo, embora conhecidos como fenómenos barrocos², parecem originados na *deuotio moderna*. Em Braga, já em 1373 a Confraria da Trindade tinha construído uma ermida da invocação de Santa Cruz no Monte Espinho, a Leste de Braga, freguesia de Tenões³. E é ela que está na origem do Santuário do Bom Jesus do Monte, construído a partir do segundo quartel do século XVII, mas agora com um programa que transformou o Monte Espinho num «Monte Calvário»⁴. Inspirou-se ele, ao que tudo indica,

* Resumo da comunicação apresentada ao encontro «Dos Alvares do Barroco à Agonia do Rococó» realizado no Palácio Fronteira, em Lisboa, de 20 a 23 de Junho de 1994.

1. Cf. Massaro 1988: 6, 17.

2. Cf. Massaro 1988: 86.

3. Feio 1930: 21, 71.

4. Massaro 1988: 35-36; Almeida 1991: 69.

na «Jerusalém» do Convento do Pópulo de Braga⁵, para, ao longo do escadório do Bom Jesus do Monte, passar a ser narrada a História da Redenção.

Mas o Escadório das Virtudes, que particularmente nos interessa porque foi as suas estátuas que se encomendou a Francisco Luís Barreiro imitasse, só foi construído depois da demolição definitiva (nunca anterior a 1804)⁶ da igreja que precedeu a actual, já que foi no seu lugar que se construiu este escadório, por decisão da Mesa da Confraria de 1837⁷. Como o dos Cinco Sentidos que o precede e as capelas da via-sacra, está pontuado por fontes, que, além de suavizarem o cansaço da subida, simbolizam a água viva que mana de Cristo⁸, e que é o Espírito⁹. Foi concebido por Carlos Amarante e iniciado nas duas primeiras décadas do século XIX. Apresenta, portanto, um conjunto de 3 fontes neoclássicas e 9 estátuas já deste estilo também, embora apresentem uma gesticulação ainda barroca¹⁰.

Foi o Escadório das Virtudes que serviu de modelo ao Escadório da Peneda e quatro das suas estátuas, embora não as fontes (doc. n.º 2), vão servir de modelos para outras tantas da Peneda.

2. Francisco Luís Barreiro e a sua obra de canteiro

Francisco Luís Barreiro era filho de António Luís Barreiro, mestre canteiro então famoso, por ter trabalhado na obra da Casa de Antas em Rubiães (c. Paredes de Coura) e por ter feito a torre da capela de S. Félix em Barbeita (c. Monção). Nasceu em Barbeita, ao largo de S. Félix, em 1806 (doc. n.º 1)¹¹. Seguiu a arte da construção civil como seu pai, «nada lhe ficando a dever», ao que parece, «na perspicácia e no manejo do escopro»¹². Era pobre. É possível que, para singrar na vida, tenha preci-

5. Almeida 1991: 74.

6. Massaro 1988: 54-55.

7. Feio 1930: 71.

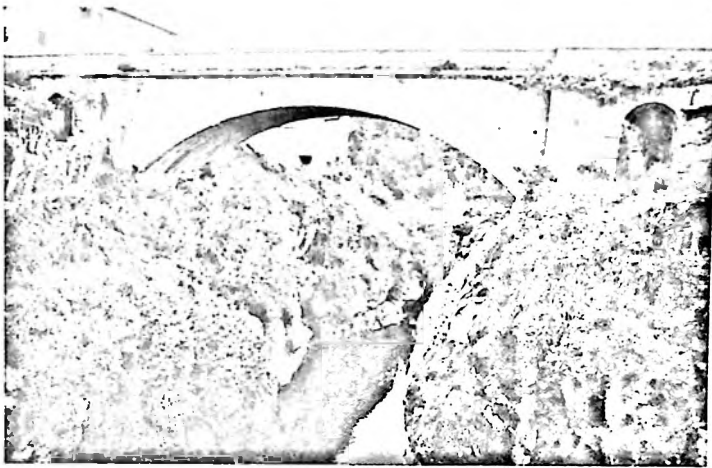
8. Massaro 1988: 63.

9. Jo 7,39. Esta referência bíblica torna impossível aceitar a interpretação de Massaro.

10. Feio 1930: 71-75. É esta também a opinião de Massaro 1988: 76.

11. Tavares (1971: 8) dá-o como nascido «por 1795». Sucede, porém, que, neste ano não consta o seu baptismo. O registo de óbito, porém, dá-o com 74 anos à data do seu falecimento, o que atira o seu nascimento para 1806. Ora o registo publicado como doc. n.º 1 diz respeito a um «Manuel», o que só poderá ser explicado por uma de duas: ou Barreiro morreu com outra idade e este registo é de um seu irmão; ou morreu, de facto, com 74 anos e mudou de nome.

12. Tavares 1971: 8.



Ponte da estrada real sobre o Rio Mouro em Barbeita (c. Monção).

sado do apoio do padrinho, que era padre. Seria essa a razão por que foi com o nome do padrinho (Francisco) e não com o nome que lhe deram no baptismo (doc. n.º 1) que ele passou a ser conhecido.

No lugar da Ponte do Mouro em Barbeita, sua terra natal, fez, em 1820, um cruzeiro com as imagens da Senhora da Soledade e do *Ecce Homo* ¹³.

Emigrou para a Espanha, onde, com a sua habilidade de canteiro, se dispôs a ganhar a vida, empregando-se na construção do *ferro carril* galego. Foi aí que conheceu Pedro Macau, «pífio estribeiro-mor, em Pontevedra, do Marquez de Riestra e por este nomeado agora capataz das terraplana-gens do ferro carril» ¹⁴. Aí Barreiro trabalhou na construção da ponte de Panchões, em Cetados (Neves), frente a Barbeita, para o caminho de ferro ¹⁵.

A experiência adquirida por Barreiro na Ponte de Panchões deu-lhe a ousadia suficiente para concorrer à empreitada da nova ponte sobre o Mouro para suporte do traçado da Estrada Real. Fê-la igual à outra ¹⁶. Mas, porque construída com arco abatido sobre um vão tão largo, foi muito

13. Tavares 1971: 14.

14. Tavares 1971: 26.

15. Tavares 1971: 36, 45.

16. Pintor 1976: 151.



Estátua de Pedro Macau, na entrada da casa que foi de Francisco Luís Barreiro, no lugar da Ponte do Mouro (Barbeita). (Foto de José Mesquita de Matos).

contestada a sua viabilidade e segurança e a competência do mestre canteiro para o empreendimento; e, quando a ponte foi descimbrada, o engenheiro ainda temia pela sua segurança ¹⁷.

Dentro do âmbito da escultura humorística podemos referir a de Pedro Macau, chefe de carabineiros, com quem Barreiro teve atritos. Para o ridicularizar, para mais em localidade de trânsito entre a Galiza e

17. Tavares 1971: 56.

Portugal como de há muito o era o lugar da Ponte do Mouro, Francisco Luís lhe esculpiu a estátua pondo-o a segurar o pau da ramada de casa¹⁸. Esta estátua representa Pedro Macau, ridicularizado. Traja polainas até à rótula, bigode e pera luciferinas, farda de trintanário, barrete. E apresenta-se em posição de esforço com o joelho esquerdo assente na peanha, à caçador, e a mão direita apoiada nele. É que a mão esquerda (hoje partida) se elevava à altura do ombro para apoiar o peso que o sarcasmo de Barreiro pôs Macau a suportar (a trave de carvalho da latada do seu quinteiro)¹⁹.

A caricatura não é domínio vulgar em escultura. Por isso, para reforçar uma mensagem que se supôs que a linguagem plástica não fosse suficiente para expressar, a estátua foi policromada (representando-se, em «côres berrantes e vistosas», Pedro Macau de trintanário da Guarda Civil com o posto de Pretendente)²⁰ e se a teria feito reforçar com estes versos, inscritos na peanha, de recorte bem popular:

*Eu sou o Pedro Macau
E às costas tenho um pau.
E vejo de riba do portal
Passar por aqui muito galego
Uns de focinho branco
Outros de focinho negro
E todos vêem meu mal
E nenhum me tira deste degredo.*

*Nem Don Alcaide das Nieves,
Que por ser um bom rapaz,
Só queimado em aguarrás,
Anda de penedo em penedo
A tremer, cheio de medo,
A rinchar, cheio de baba,
Como a burra do D. Braz
À espera da cevada.²¹*

18. Pintor 1976: 151.

19. Cf. Tavares 1971: 39.

20. Tavares 1971: 48.

21. *Apd.* Tavares 1971: 40.

No campo da arquitectura utilitária e adjectiva, é também à arte de Francisco Luís Barreiro que se deve o «lindíssimo» espigueiro que construiu na que foi a sua casa. Trata-se dum «caso único» em termos de arquitectura rural, já que o projecto consiste na justaposição de dois espigueiros estreitos tradicionais unidos por uma câmara, que tem sido utilizada como quarto de criado. Este conjunto é coberto por um telhado a duas águas. Assenta sobre altos pés de granito de forma tronco-cónica (hoje escamoteados por paredes que fecharam o vazio inferior, de molde a criar um espaço de arrumos), sobre os quais se implantaram mós. As paredes dos topos são de cantaria esmeradamente aparelhada. Sobre os cunhais, a cobertura é decorada com remates em pináculos de granito e, sobre as empenas, um pináculo idêntico num extremo do cume e uma cruz no outro²².

Mas toda esta perícia, e ao contrário de outros artistas como o mestre lanhelense Góis de Melo, Barreiro só a aprendeu na escola da vida. Os documentos n.ºs 4 e 5, onde, respectivamente, assina como contratante e como perito, vão assinados de cruz. Francisco Luís Barreiro era analfabeto.

3. Originalidade de Barreiro: comparação entre a obra do Bom Jesus e a da Peneda

A Peneda era, inicialmente, uma branda da freguesia da Gavieira (c. Arcos de Valdevez). Desde muito cedo é aqui objecto de culto uma pequena imagem de Virgem morena. Uma tradição local fá-lo remontar ao século XIII²³. E cedo se tornou importante centro de peregrinação, que no início do século XVIII irradiava de Cristóval a Laje (c. Vila Verde) e de Vila de Punhe a Entrimo. Ainda nos anos 20 deste século era a Peneda destino de clamores de várias freguesias na segunda-feira do Espírito Santo²⁴.

O paralelo entre o santuário do Bom Jesus do Monte, em Braga, e o de Nossa Senhora da Peneda remonta ao século XVIII pelo menos. Com efeito, D. Rodrigo de Moura Teles, o grande impulsor da segunda (e decisiva) fase das obras do santuário bracarense²⁵, quis visitar e

22. Cf. Dias, Oliveira e Galhano 1961: 103, 104.

23. *Apd.* Pintor 1976: 137-138.

24. Abreu e Lopes 1993.

25. Massaro 1988: 33 e 36-37; Almeida 1991: 76.

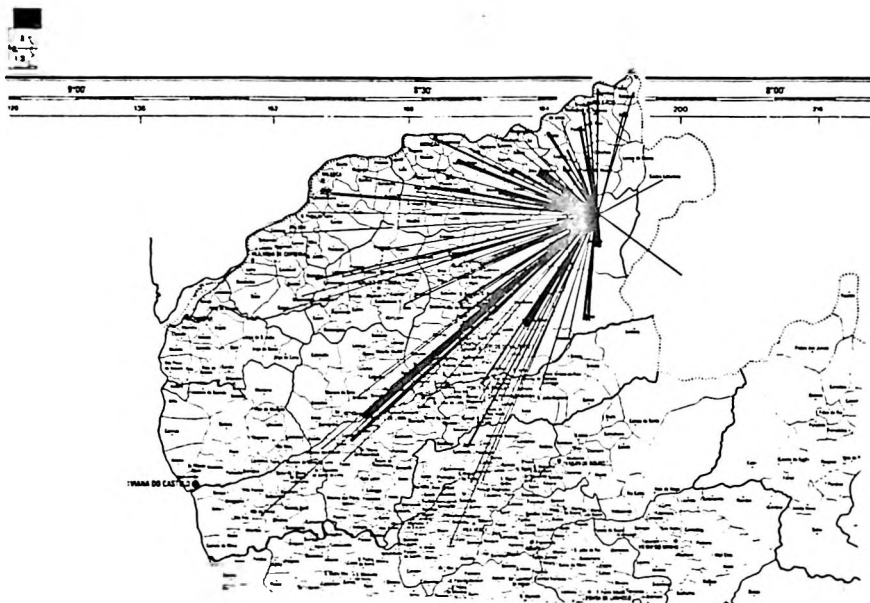


O Santuário da Peneda em 1917,
segundo a *Ilustração Católica*.

visitou pessoalmente o santuário de Nossa Senhora da Peneda, na freguesia da Gavieira, já então considerado «célebre»²⁶. Nesta altura, com efeito, a primitiva ermida já tinha sido substituída por uma igreja de 20 varas e 5 palmos por 7 varas e 2 palmos (22 por um pouco mais de 8 m), que só veio a ser substituída em meados do século XIX²⁷. Para a apoiar, fora então construído um grande muro de suporte em silharia reforçado por contrafortes, já que suporta o amplo terreiro que vai da casa do capelão até perto da capela da Senhora das Dores. Para o cons-

26. Massaro 1988: 37, n. 17.

27. Pintor 1976: 30.



Irradiação do culto de Nossa Senhora da Peneda no século XVIII.
(Cartografia da proveniência das esmolas ao Santuário).

truir, foi sob ele encanado o corgo que descia da Chã do Monte. Na boca do aqueduto assim construído, se encontra gravada a data de 1706²⁸.

Em 1718, aparece-nos como juiz da Confraria de Nossa Senhora da Peneda D. Miguel José de Sousa Montenegro denominado «Deão», mas rigorosamente sobrinho e coadjutor do Deão bracarense D. Francisco Pereira da Silva. Tendo surgido um litígio entre este e a Mesa Administrativa do Bom Jesus do Monte, D. Rodrigo de Moura Teles arvorou-se ele mesmo em juiz da Confraria do Bom Jesus²⁹ e nomeou depois o Deão D. Francisco juiz da Irmandade da Peneda. D. Miguel Montenegro só o voltou a ser em 1742³⁰. Inicialmente, secundavam a ermida três capelas. construiu-se depois, ao longo do século XVIII, uma via-sacra com 14 estações, mas onde se mistura a tópica dos mistérios dolorosos do rosário com a *via-crucis*³¹.

28. Pintor 1976: 29.

29. Feio 1930: 42-43.

30. Pintor 1976: 32-33.

31. Afonso 1981: 57-80.

O Santuário de Nossa Senhora da Peneda é semelhante ao do Bom Jesus³², que os soajeiros conheciam de peregrinar ao Monte Espinho. Dele desde cedo se fez émulo, até porque, como ele, é santuário de montanha. Mas é um santuário mariano, como se disse.

Sucede, porém, que também esta vertente arranca da *deuotio moderna*, que se aprouve no paralelismo (teologicamente incorrecto) entre Cristo e Maria («Nosso Senhor» e «Nossa Senhora»). Os exemplos são muitos. Em 1491, construía-se no Monte Varallo, onde o P.^c Bernardino Caimi fizera um santuário de *via-crucis* após a sua peregrinação à Terra Santa, uma capela reproduzindo o sepulcro da Virgem; em 1493, eram-lhe doadas a montanha («sacromonte»), o convento e a igreja de Santa Maria das Graças, que um breve de Inocêncio VIII autorizava, em 1496, a reconstruir segundo projecto de S. Bernardino de Sena³³. No santuário de Crea em Montferrat, de 15 capelas, iniciado em 1590, a vida de Cristo é contada através da vida de Maria. O santuário de Oropa, no Piemonte, construído nos séculos XVII e XVIII, contém 12 capelas todas elas com cenas da vida da Virgem, agora sem qualquer referência aos episódios da Paixão. Os santuários da Madona de San Luca (Bolonha) e do Monte Berico (Verona), ambos do século XVIII, contam a vida de Cristo através dos 15 mistérios do rosário. Por seu lado, o santuário da Madona de Montevergine (construído sobre um antigo templo de Cibele, onde S. Vitaliano no século VII e S. Guilherme de Vercelli no XII construíram templos à Virgem) sobe-se ladeando as estações da Via Sacra³⁴.

Assim também o Santuário da Peneda, que, por isso, se tornou em concorrido destino de romagens. E, devido ao concurso de peregrinos, a igreja acabou por se tornar insuficiente. Por isso, os mesários de 1837 resolveram empreender a construção dum novo templo, a poente do anterior e no enfiamento das capelas da «via sacra», mas em cota bastante mais elevada, que se encontrava já concluído em 1856³⁵. Ora a elevação da cota de implantação impôs a construção dum escadório de acesso ao novo templo³⁶.

Devido às boas qualidades que revelara como mestre canteiro, Barreiro já tinha sido convidado para trabalhar nas obras do Santuário da

32. Almeida 1991: 77.

33. Massaro 1988: 27.

34. Massaro 1988: 27-28.

35. *Apd.* Pintor 1976: 138-139.

36. *Apd.* Pintor 1976: 139.



Escadório do Santuário da Peneda.

Peneda³⁷. Deve-se-lhe a Casa da Confraria³⁸. E foram-lhe, agora, encomendadas as estátuas do escadório³⁹.

O que se acordou com ele (doc. n.º 4) foi a execução das estátuas da Fé, Esperança, Caridade e Glória à semelhança e nas dimensões das do Bom Jesus de Braga (doc. n.º 4). Mas os mesários da Confraria, se confiavam na habilidade de Barreiro, talvez não tivessem o mesmo apreço pela sua capacidade criativa. Até porque já tinham encomendado ao escultor João Albertino, do Porto, os modelos das estátuas⁴⁰. E assim encontramos, nas contas da Confraria de 1859, a despesa de 12 mil réis

37. Tavares 1971: 13.

38. Tavares 1971: 14.

39. Tavares 1971: 14-15.

40. Pintor 1976: 152.

«com João Alvertino do Porto pelos Mudellos das Estatuas: Fé Esperança Caridade e Gloria»⁴¹. (É possível que este Albertino seja o escultor que, no Bom Jesus, executou a estátua da Esperança e as dos quatro Doutores do transepto da igreja amarantina). Mas o apreço pela perícia de Barreiro está bem patente no facto de ele ter sido escolhido para perito do auto de aprovação do trabalho do escadório realizado pelo mestre pedreiro de Lanhelas António Manuel Góis de Melo (doc. n.º 5). O que não quer dizer que o trabalho não estivesse sujeito a fiscalização. Com efeito, nas despesas de 1860-61 (doc. n.º 6) consta uma verba de 10\$260 réis gasta «com cavaladura e criado, de ir a Ponte de Mouro ver as estátuas».

Estas estátuas foram feitas em granito do lugar de Merim, em Barbeita⁴². Foram aí esculpidas por Barreiro e da Ponte do Mouro conduzidas, em carro de bois, à Peneda, nos princípios do verão de 1860⁴³. No percurso, a estátua da Glória partiu um braço «de encontro a um feuiro» do carro, devido a um solavanco proporcionado pela passagem dum rego de água um pouco antes de Lamas de Mouro. Na emergência, para não ter de esculpir nova imagem, Barreiro utilizou uma mistela de barros e outros adesivos de sua própria invenção⁴⁴, que resultou plenamente. Encomendadas em 7 de Setembro de 1860 (doc. n.º 4), as estátuas foram pagas antes de 8 de Julho de 1861⁴⁵ (doc. n.º 6), o que significa que Barreiro apenas gastou 10 meses para as esculpir. Talvez que para tanto em algo tenha concorrido a referida fiscalização de que foi objecto.

Depois dos passos da Virgem, estaria na lógica do barroco meditar sobre os instrumentos através dos quais se peca, isto é, os causadores desses passos, para depois, no santuário, de joelhos se pedir perdão. Foi esta a lógica que presidiu à construção do Escadório dos Cinco Sentidos no Bom Jesus do Monte. Na lógica do barroco, mas não na do neo-clássico. Por isso, já no escadório bracarense os jesuitas tinham feito figurar personagens da mitologia clássica, que a Real Mesa Censória, pombalina, veio a reprovar e a fazer rectificar em 1774⁴⁶. Na Peneda, neo-clássica e a vários títulos veiculando uma espiritualidade mais optimista, a temática escolhida para as esculturas do escadório foi a das virtudes.

Estas estátuas servem, à maneira do Bom Jesus, para coroar (no caso, quatro) fontes. Só que o projecto das fontes (doc. n.º 2) é um pouco ante-

41. *Livro da Receita e Despesa da Confraria da Senhora da Peneda: 1821-1878* (1888), fl. 59v; Cf. Pintor 1976: 152.

42. Tavares 1971: 14-15, 17.

43. Afonso 1981: 29.

44. Tavares 1971: 19, 20; Pintor 1976: 153.

45. Pintor 1976: 152.

46. Feio 1930: 63; Massaro 1988: 70.

rior ao das estátuas, e estas lhes não correspondem, por isso. Há, no caso das fontes do escadório, a referência a três momentos da História da Salvação vistos retrospectivamente: a Apresentação do Senhor, início da Nova Aliança; a fonte de Maria, episódio da juventude da Virgem; e a fonte de Moisés, prenunciadora de Jesus Cristo⁴⁷ e resposta de Deus à incredulidade hebraica⁴⁸.

É S. Paulo que estabelece pela primeira vez a trilogia teologal: na 1.^a carta aos Coríntios⁴⁹, mas para dizer que a caridade sobreleva as outras duas⁵⁰; e na 1.^a carta aos Tessalonicenses, mas por esta ordem: fé (πιστή), amor (ἀγαπή) e esperança (ἐλπίς), respectivamente com os seguintes atributos: actividade (ἔργον), esforço (κοπούτή) e perseverança (ὑπομένη)⁵¹. Ora, segundo o Concílio de Trento (sessão VI), a fé, a esperança e a caridade são virtudes infundidas por Cristo no homem no momento da sua justificação (*in ipsa iustificatione*)⁵². Estão, portanto, estreitamente ligadas à economia da salvação.

A fé, como virtude, representa uma herança do judaísmo e que se não encontra na religião greco-romana (assim o provam as dificuldades dos Setenta na versão para grego das raízes hebraicas *batah e aman*)⁵³. Um pouco antes da altura em que Barreiro trabalhava na Peneda, a definira o Concílio Vaticano I como a virtude por meio da qual cremos como verdadeiro aquilo que Deus revelou, não em virtude da sua intrínseca verdade e racionalidade, mas apenas da autoridade de Deus, que não pode enganar-Se nem enganar ninguém. Trata-se, porém, dum assentimento esclarecido (*nequaquam sit motus animi caecus*)⁵⁴. Possui-la ou não implica mérito ou demérito, porque não se resume a ser dom de Deus, já que exige a vontade de aderir a esse dom: a fé é dialógica, no plano existencial⁵⁵. Por isso é que ela é «contabilizada» no Juízo. Nestes termos, a fé deixa de ser propriamente da ordem do conhecimento para passar a ser da ordem da relação pessoal entre o homem e Deus, mas, como relação pessoal que é, através duma pessoa: o único mediador⁵⁶, Jesus

47. *ICor* 10,4b.

48. *Nm* 20,2-11.

49. *ICor* 13,13ab.

50. *ICor* 13,13d.

51. *ITes* 1,3.

52. *Apd.* Denzinger 1850: 372 (n. 1530).

53. Duplacy 1961b: 337.

54. *Apd.* Denzinger 1850: 589 (nn. 3008 e 3010) e 594 (n. 3035).

55. Vilanova 1990: 228a.

56. *Heb* 8,6b; 9,15a; 12,24a.



Fé. Escultura de Albertino/Barreiro
no Escadório da Peneda.

Cristo. Não é só crença: mais do que isso, a fé é do âmbito da adesão, da comunhão⁵⁷.

Esta é virtude que, pelo seu significado e importância, desde os primeiros tempos que os cristãos se habituaram a personificar⁵⁸. No Bom Jesus, parece que, por se estar ainda no debate iluminista sobre as luzes e o obscurantismo, quem a representou aceitou prescindir da possibilidade de lhe contestar a falta de luz, representando-a de olhos vendados, mas fazendo questão de lhe apontar a fonte da informação: a Palavra de Deus que se ouve, pelo que, na esteira de S. Paulo⁵⁹, a figura aponta o

57. Vilanova 1990: 228a, 228b.

58. Leclercq 1923.

59. *Rm* 10,17 a demonstrar a veracidade de Heb 11,1.

ouvido a mostrar que ela vem *ex auditu*. Para ilustrar o objecto da fé, a realidade sacramental mais contestada, a Eucaristia, como a dizer que se acredita em mistérios (coisas difíceis de ver, de entender), não pela sua verosimilhança, mas pelo que se ouve na pregação de Igreja, única fiel depositária e intérprete da Palavra de Deus⁶⁰. Na Peneda, esquecida ou postergada, ao que parece, esta questão, o modelo albertiniano procurou definir a fé pelo seu objecto: o amor a Jesus Cristo abraçando a Sua cruz⁶¹ e o amor a Deus, empunhando a Bíblia, Sua Palavra e, como caminho para Ele, a Eucaristia: a hóstia e o cálice. É o mesmo modelo que se encontra na igreja da Ordem Terceira de S. Francisco do Porto. A encomenda a Albertino sobrelevou o desejo de imitar o Bom Jesus.

Barreiro bem entendeu a proposta portuense que substituiu a brace-reense: enquanto que a escultura do Bom Jesus é pesada, maciça, apenas indicativa, na Peneda, a Fé é expressiva, gesticulante, convincente, apaixonada, e a leveza do tratamento das rugas conjugada com o polimento das superfícies confere-lhe a delicadeza e elevação mística própria duma virtude teologal. Um pregador pouco poderia dizer, se tentasse associar as rolas da fonte com a cruz e o cálice-hóstia da estátua. Mas a um peregrino sensível não escaparia um paralelo entre a candura das aves e a delicadeza das formas escultóricas da Fé.

Na linguagem bíblica, a fé identifica-se com a confiança na fidelidade de Deus. Ora é precisamente na fidelidade de Deus, que nos há-de conseguir merecimento, que se baseia a virtude da esperança⁶². Por isso, se diz que a esperança é a substância da fé⁶³. No Bom Jesus, a fonte da Esperança evoca-nos a esperança cega de Noé no seu salvamento no fim do Dilúvio, que o mesmo é dizer confiança na fidelidade de Deus à promessa a este respeito feita⁶⁴. O mesmo se deduz da leitura do Novo Testamento. Aqui, a fé proclamada por Jesus Cristo tem por objecto o Reino de Deus, que só se realizará plenamente na vida eterna. Também por aqui temos de convir que a esperança decorre da fé⁶⁵. Com isto coincide S. Paulo quando afirma ser sua esperança o estar com Cristo⁶⁶. Por isso, no Bom Jesus, ela é secundada pela figura da Glória. A esperança situa-se, assim,

60. Concílio de Trento, *apd.* Denzinger 1850: 366 (n. 1507).

61. Cf. Mc 8,34b.

62. Duplacy 1961a: 288.

63. Vilanova 1990: 229a.

64. Gn 6,13-7,5.

65. Cf. Duplacy 1961a: 291.

66. Fil 1, 23.



Esperança. Escultura de Albertino/Barreiro
no Escadório da Peneda.

no centro das virtudes teologais, já que podemos considerar a caridade como seu objecto⁶⁷.

A iconografia da Esperança recorre também ao modelo feminino (a coincidir com o género gramatical da palavra) e a símbolos como a âncora e o farol, tão caros a esta gente de navegantes e colonizadores de além-mar. No Bom Jesus, a referência a Noé fez colocar-lhe na mão uma pomba. Só que a pomba não simboliza propriamente a esperança, mas a certeza⁶⁸. Na Peneda, onde ela se conjuga com a Fonte da Virgem, Albertino ladeou a questão, colocando a figura apenas de mãos postas e olhando ao céu, mas também fugindo ao modelo da igreja da Ordem

67. Cf. Aldama 1966: 1051.

68. Cf. *Gn* 8,8-11.

Terceira do Porto. Barreiro, por sua vez, realizou uma peça muito mais canonicamente neo-clássica, evitando grandes gestos e optando por uma grande contenção de massas e atitudes, a que o panejamento dá ritmo, e a pose (com as mãos descentradas e a cabeça inclinada para cima) confere dinamismo.

O amor a Deus é um mandamento da Lei⁶⁹. E o amor ao próximo aparece desde cedo com ele correlacionado⁷⁰: na Lei⁷¹, nos Profetas⁷² e nos livros sapienciais⁷³. Vestir os nus, consolar os aflitos, sepultar os mortos aparecem no judaísmo como actos de amor ao próximo mais carente decorrentes do amor a Deus⁷⁴. Também no Evangelho o amor ao próximo aparece como indissociável do amor a Deus⁷⁵: amamos os filhos de Deus quando amamos a Deus⁷⁶. Segundo S. Paulo, este amor ao próximo compendia a Lei⁷⁷. Mas, em termos neo-testamentários, a virtude da caridade consiste, mais propriamente, em amar os outros como Cristo nos amou⁷⁸; ou, como diz S. João, porque Ele nos amou primeiro⁷⁹. Jesus fez dela o Seu mandamento⁸⁰. Deste modo, o amor do próximo aparece como essencialmente religioso; não se reduz a uma filantropia⁸¹. Consistindo essencialmente no amor de Deus, a caridade pode ser considerada, desde Santo Agostinho, como a forma, a condição das outras virtudes⁸².

Iconograficamente, porém, foi o amor do próximo que prevaleceu. Desde Lucas Cranach, pelo menos, que é representada por uma figura feminina acolhendo crianças⁸³. Mas é possível que o motivo inspirador desta iconografia remonte bem mais atrás, à *Passio Ss. Perpetuae et Felicitatis*, santas bem populares por constarem do cânone romano. Perpétua tinha dado à luz havia pouco. Ora um diácono, a peso de ouro (*praemio*),

69. *Dt* 6,5.

70. *Mt* 22,37.39.

71. *Ex* 22,20-26.

72. *Is* 1,17c; *Ez* 18,7; *Mal* 3,5b.

73. *Prov* 14,21b; *Sab* 2,10-11.

74. Wiéner 1961: 50.

75. *Mc* 12,28-31p.

76. *1Jo* 4,20s.

77. *Gal* 5, 14; 6, 2; *Rm* 13, 8s.

78. Igreja Católica 1993: 174; Cf. *1Cor* 13.

79. *1Jo* 3,16; 4,19.

80. *Jo* 15,12; *2Jo* 5,2bc.

81. Wiéner 1961: 51; Aldama 1966: 1052; Cf. *1Cor* 13,3abe.

82. *Apd.* Aldama 1966: 1052.

83. Londres, National Gallery.



Caridade. Escultura de Albertino/Barreiro
no Escadório da Peneda.

tinha-lhe conseguido uma folga no encarceramento, para ela amamentar o filho que ele para o efeito lhe levava todos os dias⁸⁴. Mais interessante é o caso de Felicidade, que deu à luz na véspera do martírio, pelo que uma cristã (*quaedam soror*) adoptou como sua (*in filiam*) a recém-nascida da martirizanda⁸⁵. Estas narrativas teriam encontrado um eco enorme num mundo como o europeu onde, por várias razões que se prendem com as condições históricas, a orfandade e o abandono de crianças foram vulgares até há bem poucas décadas.

84. *Passio*, 3, *apd.* Ruiz Bueno 1950: 422.

85. *Passio*, 15, *apd.* Ruiz Bueno 1950: 434.

A escultura de Pereira, no Bom Jesus, representa esta iconografia reduzida ao mínimo. A figura veste à grega, mas os traços da máscara são grosseiros, apenas tem dois meninos nos braços, e a única animação resulta do joelho direito ligeiramente avançado e de a figura olhar à direita. A escultura de Barreiro, embora reproduza um estereótipo que, desde a igreja da Ordem Terceira de S. Francisco do Porto, se repetiu por inúmeros acrotérios de edifícios neoclássicos e posteriormente também em jazigos cemiteriais, é, porém, notável: das duas crianças, uma está ao colo e outra em pé, o que resulta num interessante jogo equilibrado de massas. O manto que protege a criança de pé joga com o que cai do braço esquerdo que sustenta a outra. O panejamento cai com suavidade e delicadeza, onde os poucos pregueados dão suavidade às superfícies lisas, por onde o nosso olhar se espraia como uma mão que acaricia.

Com a virtude da caridade termina o Escadório das Virtudes do Bom Jesus. Segue-se-lhe a igreja amarantina com o Senhor crucificado: Depois de ter meditado nas virtudes porque as não pratica, o peregrino bracaraense vai à igreja pedir perdão. Não é isso que acontece na Peneda. O desnível a que a nova igreja foi construída obrigou a um quarto lanço de escadas. E, como este não podia ser ocupado com uma quarta virtude teológica, que não consta do cânone paulino, por isso, se resolveu colocar como remate uma escultura da Glória, assim apresentada como efeito da prática das virtudes. É muito mais optimista a sequência escultórica da Peneda.

Enquanto, para os romanos, glória era valor que expressava a honra militar, na Bíblia ela reflecte sobretudo o resplendor e a majestade de Deus⁸⁶. Mas os primeiros cristãos tinham certa dificuldade em usar este termo, que lhes aparecia carregado de valores pagãos. São os medievais que vão dele fazer um amplo uso, relacionando-o, logo em primeira análise, com o culto de Deus. Para eles, «glória» e o adjectivo «glorioso» identificam e descrevem o sagrado⁸⁷. Por isso, em S. Paulo, a glória é Cristo em nós⁸⁸.

A glória, de facto, não é, propriamente, uma virtude, embora como tal figure no escadório do Bom Jesus e junto à figura da Esperança, com uma iconografia complicada e de leitura dúbia. Na Peneda, Albertino propôs um modelo mais simples mas também pouco claro. Contudo, a mestria de Barreiro fez dela uma figura arrancando para o céu e para Oci-

86. Morreale 1958: 1.

87. Morreale 1958: 12.

88. Col 1,27.



Glória. Escultura de Albertino/Barreiro
no Escadório da Peneda.

dente (onde se põe o sol e onde fica a mole do Monte da Meadinha), para onde a leva a inclinação da massa escultórica e o gesto do braço direito, enquanto o esquerdo, discretamente ligado ao corpo, segura uma rola, símbolo da simplicidade. Este mesmo movimento ascensional é reforçado pelo cair do manto, vertical do lado direito e diagonal do esquerdo e pelo flectir do joelho deste lado, como de quem se prepara para saltar. Esculpida por Barreiro, já não temos uma Glória assente no mundo, mas uma Glória que sobe para o céu.

Documento n.º 1

1806 Abril 18 — *Nascimento e baptismo de Francisco Luís Barreiro*

— *Arquivo Distrital de Viana do Castelo, Livro do registo de nascimentos de Barbeita, n.º 5/n, 1804-1811, fl. 13v.*

⁸⁹ Manoel ⁹⁰ filho legitimo de Antonio Luis Barreiro, e de Maria Roza da Silva do lugar da Ponte do Mouro desta freguezia do Salvador de Barbeita: netto Paterno de Antonio Jose Barreiro, e de sua mulher Francisca Barreira do lugar de Pelame freguezia de Ensalde termo de Coura e Materno de Manoel Jose da Silva do lugar das choças freguezia de Alvora termo dos Arcos, e sua mulher Josefa de Lima do lugar de Santo Amaro freguezia de Ceivaens: nasceo no dia dezoito do mes de Abril do anno de mil oito centos, e seis, e foi batizado Solememente por min o Padre Luis Manoel Lourenço Encomendado desta mesma freguezia de Barbeita em o dia vinte e hum do dito mez e anno; e não lhe puz ⁹¹os Santos Oleos pelos não haver inda novos foraõ Padrinhos o Padre Francisco Manoel de Moraes e Josefa de Lima avo do Batizado e para constar fiz este assento que asinei com o Padrinho Barbeita Dia mez e anno ut supra

O Encomendado Luis Manoel Lourenço
O Padre Francisco Manoel de Moraes

Documento n.º 2

1857 — *Caderno de encargos para a obra do escadório e respectivas fontes do Santuário da Senhora da Peneda.*

— Arquivo da Real Confraria de Nossa Senhora da Peneda, folha solta encontrada dentro do *Livro de Acordãos do Real Santuario de Nossa Senhora da Peneda, situado nos limites do concelho da Montaria do Soajo, comarca de Viana e feito no ano de 1829.* Folha de papel liso de 32.5 × 22 cm e margem de 4 cm, sobre a qual foi escrito um despacho que transcrevo em nota.

— Encontra-se um resumo e transcrição parcial das «Explicaçoens» do verso em Pintor 1976: 148-149.

Apontamentos da obra da escada principal
do novo Mosteiro de Nossa Senhora da Peneda ⁹²

O novo Sanctuario de Nossa Senhora da Peneda foi feito ao poente do velho em hua costa mais alta, tem pois o adro da nova Igreja abaixo ao terreiro hua

89. *margem esquerda:* Ponte do / Mouro / 1806.

90. *Sic.*

91. *margem esquerda:* Houve / os santos oleos / Lourenço.

92. *Ao lado, em letra do Secretário:* N. 2 / Villa de S. Salvador dos Arcos.

profundidade de Setenta palmos e neste vacuo he *que* se hade fazer a escada a qual hade ter de comprido cento e cincoenta palmos e de largo noventa e dois, hade ter quatro cascatas a primeira contera duas rollas em hua cesta deitando agoa pelos bicos, as rollas são a figura da offerta *que* fez Nossa Senhora quando apresentou o Menino Deus no templo. A segunda he a fonte de Maria *que* vem a ser um chafariz em alto e por baixo hua concha a receber a agoa e deixalla cahir por toda a circumferencia, he segundo a historia a significação a fonte que havia secado quando Maria Sanctissima procurava agoa e ella de repente nasceo. A terceira hade conter o Pelicano com tres filhos a alimentaremse no peito, esta ave he a figura da Igreja que sempre s'mostra carinhosa para os seus filhos. A quarta hade conter Moises ferindo o penedo e dele brotando agoa, milagre acontecido no deserto quando Deos mandou a Moises que ferisse o rochedo para saciar a sede ao seu povo.

Os corrimans serão todos abalaustrados de pedra fina

Tera a escada junto a cada cascata hum pateo de vinte e seis palmos, e aos lados quatro de desasseis palmos

Sera toda a obra feita conforme a planta assignada pelo Procurador os paredons serão feitos de silhares, pico miudo, escudados bem assim os pelanos, pateos, lagiados, degraos e tudo bem unido.

Porem os corrimons são mais baixos, como taõ bem os obliscos de que faz menção a planta

Tera as necessarias Piramides nos lugares que o pedir a palnta e serão feitas de pedra fina

Sera taõ bem por conta do mestre Pedreiro o encanamento d'agoa para as cascatas

Reservasse porem toda a pedra da Casa velha da Mesa

Ficaráõ aos lados as adentaçons para as casas da mesa

O Procurador Antonio Luis Mendes Velloso ⁹³ [verso]

Explicaçoens ⁹⁴

No principio do Escadorio nas pilastras dos lados nascente, e ponte sahirá d'entre ellas hum grande redondo, na quina do Cunhal, no padastral de baixo, de cada hum destes lados levará hũa tolipa, e no meio do redondo levará hũa flor, sahindo della ⁹⁵ duas silvas para baixo e para cima da flor. Em cima do capitel levará hũa pianha de pedra fina, d'altura de doze palmos, contando do lageado acima, todas com circulares ou silvas feitas de talha. Dentro de todos os oratorios levará as pianhas de pedra fina com mulduras de melhor gosto debaixo da

93. *Ao comprido da margem, com outra letra o seguinte despacho:* Procurador dos mesarios da Senhora da Peneda Mudam entradom, pagaráõ o excesso, isto a custa delles mesarios sendo todos os utensilios que houver na Confraria lhe serão fornecidos para a mesma obra

94. *Com letra do tesoureiro.*

95. *Riscado:* huma si.

sua proporção. ⁹⁶ Levará sobre os oratorios entre os corrimaons ⁹⁷ cada hum sua pianha de doze palmos de altura, feitas de talha, espedindo delles para cima delas hum quartão, estes feitos de diferentes molduras, mas que causem todos o melhor gosto, e gravidade. No sopedaneo d'entrada para o adro do novo Templo levará quatro pedrastais, dous do nascente, dous do poente, cada hum par de seu gosto de pedra fina, de doze palmos de altura, para melhor gosto tanto em molduras como em talha, para melhor de que os outros acima declarados. O capiamiento do muro dos lados que principia ⁹⁸ na pilastra do principio do escadorio em seu principio fara um quartão, e sera apilarada por dentro, e por fora, e o sobreleito escudado desde o seu principio ate a adentação da casa nova da mesa. Todos os balaustre, e piramidas serão de pedra fina e tudo o mais que está marcado, ⁹⁹ e tudo mais d'outra pedra.

O Procurador Antonio Luis Mendes Velloso mais declarasse que a obra fica feita por tres contos e duzentos mil réis e que a planta hade ser examinada por hum engenheiro

O Thezoureiro Antonio Jose de Caldas
O Secretario José Bernardino de Sousa e Mello
Antonio Manuel Gois de Mello ¹⁰⁰

Documento n.º 3

1858 Setembro 28 — *Vistoria das obras do escadório do santuário de Nossa Senhora da Peneda.*

— Arquivo da Real Confraria de Nossa Senhora da Peneda, *Livro de Acor-dãos do Real Santuario de Nossa Senhora da Peneda, situado nos limites do concelho da Montaria do Soajo, comarca de Viana e feito no ano de 1829*, fl. 9-10.

— Resumido por Pinfor 1976: 147.

Termo de exame da obra do Escadorio

Aos vinte oito dias do mez de Se<tem>bro de mil oitocentos e cincoenta e oito n'este Santuario de Nossa Senhora da Peneda aonde se achavão o Excellen-

96. *Riscado*: As p

97. *Riscado*: su

98. *Riscado*: da

99. *Riscado*: e lhe

100. *Seguem-se os seguintes apontamentos em letra igual à do despacho à margem do recto*: da Freguesia de Lanhelas de Caminha

Fiadores

Jose Manoel Gois — Lanhelas

João Manuel Fontes da Freguesia de Sopo, de Villa nova de Cerveira

no Caso delle mestre fallecer antes dacabada a obra se Louvara a que tiver feita e se paga, o selario recebido de mais os seus teer [?].

tissimo Administrador do Concelho Antonio Pereira de Sa Sottomaio fiscal das Obras d'este Real Santuario com os Mesarios Administradores do mesmo abaixo assignados e o mestre Pedreiro Jose Rodrigues Pereira de Viana para se examinar a Obra do Escadorio do novo Templo ate aonde se acha feita para se dar comprimento as medições estipuladas na Escritura do contrato feita com o mestre Pedreiro Antonio Manoel Gois de Mello executante da dita obra; e passando-se a examinar e a confrontar com o risco e planta della assignada pelo Governo Civil d'este Distrito, e com a Escritura do contrato acharam que hia conforme na maior e mais essencial parte tendo algumas toleraveis faltas algumas das quais prosse-didas de irregularidades da mesma planta e risco notadas pelo mencionado mestre de Viana, e attendendo a isso e por conselho do mesmo approvão a obra feita athe hoje, a excessão do paredão junto e do lado do Templo velho por se achar desaprumado em duas pulgadas e percisava de larga experiencia para se conhecer sua segurança e devida solidos e dos entrevalos ou quatro quadrilongos que ficão entre as Pilastras, e quatro triangulos que correm ao são das escadas, por não estarem escudados e na forma da Escritura do contrato, o que o mestre conf[fl. 9v]tratante comprirá convenientemente para ser approvada quando o for definitivamente toda a obra depois de concluida. N'este mesmo ato foi representado pelo mestre Antonio Manoel Gois de Mello que fosse examinado o acrescimo da Obra que havia feito no dito Escadorio em consequencia d'algumas faltas no risco ou planta, e que elle se via obrigado a suprir para evitar sensiveis defeitos na obra, e sendo isto de justicia mandarão os Mesarios n'este mesmo ato que fosse orçado esse acrescimo d'obra pelo mestre examinador, o que elle comprio orçando-o em um mil réis que forão mandados abonar pela Mesa e Excelentissimo Administrador. Outro sim foi ponderado pelo mestre examinador que para a perfeição d'mesma obra no ultimo patio levará duas fiadas de pedra que fação huma faixa que tenha d'alto tres palmos e tres quartos, e levará hum filete que ocupe toda a extenção que he trinta palmos de cada lado, e que pela parte do Santuario palmo e meio d'alto, que se justou por ser acercimo ¹⁰¹ e tres moedas, e n'esta forma se conclui este termo que vai por todos assignado e pelas testemunhas Constantino Joquim ¹⁰² Luis Rodrigues, e Reverendo Manoel Jose Fernandes Ferreira ambos d'esta freguesia da Gavieira que aqui assignarão depois de lido na presença de todos por mim Secretario d'esta Real Confraria que este escrevi e assignei. Declarando justamente que o ¹⁰³ quadrilongas são seis, e não quatro

João Manoel Osorio Coutinho
 O Administrador do Concelho
 O Thesoureiro Antonio Jose de Brito Sá Sottomaio
 Procurador Joaquim Luiz Ribeiro da Silva
 Joze Rodriguez [sigla] Meza
 Antonio Manoel Gois de Mello[fl. 10]
 Constantino Joaquim Rodrigues Lisboano
 Padre Manoel Jozé Fernandez Ferreira Velloso
 João Manoel Osorio Coutinho

101. Sic.

102. Sic.

103. Sic.

Documento n.º 4

1860 Setembro 07 — *Francisco Luís Barreiro compromete-se a esculpir as estátuas do escadório do Santuário da Peneda.*

— Arquivo da Real Confraria de Nossa Senhora da Peneda, *Livro de Acordãos do Real Santuario de Nossa Senhora da Peneda, situado nos limites do concelho da Montaria do Soajo, comarca de Viana e feito no ano de 1829*, fl. 10v-11.

— Transcrição parcial e com grafia actualizada em Pintor 1976: 151-152.

Aos sete do mez de Setembro de mil oito centos e sessenta, n'este Rial Santuario de Nossa Senhora da Peneda, estando presentes os Administradores do mesmo Rial Santuario abaixo assignados, compareceo Francisco Luis Barreiro da freguesia de Barbeita, Concelho de Monsão, Mestre Estatuario e por elle foi dito *que* se obrigava a fazer as quatro Figuras Fe, Esperança, Caridade, e Gloria, segundo os Modellos *que* apresentarão e com as dimensões dos do Bom Jesus do Monte pelo preço e quantia — cada huma de cento e vinte mil réis metal sonante, dise *que* a garantia que dava a este Contrato, era a mesma obra; pois *que* não exigia pagamento algum em quanto as ditas Figuras não fossem formalmente approvadas, e collocadas sobre os Pedestais do Escadorio d'este Rial Santuario; disse mais *que* alem do pagamento supra lhe darião vinte oito mil e oito centos para ajuda da Condução, bem como o Santuario lhe franquiaria Cabos, e Madeira que tenha — para a Collocação das ditas Figuras. E assim convencionados, derão todos este contrato por feito, findo e valioso. Sendo a tudo testemunhas presentes, o Reverendo Capellão Manoel Jose Fernandes Ferreira Velloso, e Antonio Lourenço de Sousa Ne[fl. 11]gociente na Villa dos Arcos; que todos aqui assignarão, depois d'este feito, e lido por mim, Joaõ Manoel Osorio Coutinho, dia mez, e ano ut supra. Secretario que este escrevi e assignei Joaõ Manoel Osorio Coutinho

Do Mestre
Francisco [cruz] Luis Barreiro

Documento n.º 5

1861 Março 04 — *Auto de conclusão e encerramento de contas relativas à obra do Escadório do Santuário de Nossa Senhora da Peneda.*

— Arquivo da Real Confraria de Nossa Senhora da Peneda, *Livro de Acordãos do Real Santuario de Nossa Senhora da Peneda, situado nos limites do concelho da Montaria do Soajo, comarca de Viana e feito no ano de 1829*, fl. 11v-11v.

— Transcrição parcial e com grafia actualizada em Pintor 1976: 149-150.

Aos quatro do mes de Março de mil oitocentos e sessenta e hum, n'esta Administração do Concelho dos Arcos de Val Vez, aonde se achavão os actuais Mesa-

rios de Nossa Senhora da Peneda abaixo assignados, com os Peritos Jose Maria de Lima da freguesia de Val d'este Concelho, Francisco Luis Barreiro da freguesia de Barbeita Concelho de Monsão, Francisco Jose Fernandes da freguesia de Navarra Concelho de Braga, para se deliberar approvar, e ultimar contas com o mestre Pedreiro Antonio Manoel Gois de Mello, que tambem se achava presente, da Obra do Escadorio do Santuario de Nossa Senhora da Peneda, que com este se tinha justo e contratado por Escritura lavrada nesta Villa e Cartorio do Barreiro, em data de desasseis d'Agosto de mil oito centos e sincoenta e seis, tudo por ordem do Governo Civil d'este Distrito; e pelos referidos Peritos foi dito, que tendo visto e examinado a mencionada obra do Escadorio no Rial Santuario da Peneda, e confrontando-a com o Risco, e Escritura do contrato, entendião que a Obra se podia dar por acabada e approvada, em bora n'ella faltem algumas Piramidas, que julgão e entendem, á face da escritura do contrato, não serem da obrigação do mestre; e bem assim algumas piquenas diferenças que se encontram na mesma obra, atribuidas a imperfeições¹⁰⁴ da Planta; em com sequencia do que, os Mesarios Administradores acordarão, que se justasse com dito Mestre e se lhe fizesse o ultimo pagamento, cobrando d'elle o competente recibo n'este mesmo termo, visto que o Illustrissimo e Excelentissimo Senhor Administrador do Concelho, fiscal da Obra, não impugnou: e verificada a conta achouse ser o direito ao Mestre, por saldo de contas, d'esta Obra cento quarenta e hum mil e quatro centos, que lhe foraõ entregues n'este mesmo acto; e para que conste fiz este termo, que todos assignarão e eu Joaõ Manoel Osorio Coutinho Segretario [fl. 11v] Secretario¹⁰⁵ que este escrevi e assignei

Joaõ Manoel Osorio Coutinho
 Thesoureiro o Abbade Antonio Jose de Brito Sé
 O Pocurador Joaquim Luiz Ribeiro da Silva Sottomaioir
 Antonio Manoel Gois de Mello
 Jose Maria de Lima
 Do Perito Francisco [cruz] Luis Barreiro
 Do Perito Francisco [cruz] Jose Fernandes

Documento n.º 6

1861 Julho 08 — *Despesa tida com o escadório do Santuário da Peneda no ano económico de 1860-61.*

— Arquivo da Real Confraria de Nossa Senhora da Peneda, *Livro da Receita e Despesa da Confraria da Senhora da Peneda: 1821-1878* (1888), fl. 66v-69.

Continuacão do Recibo e Despesa do Mesmo Real Santuario de Nossa Senhora da eneda, que carrega sobre o mesmo Thesoureiro desde 1 de Janeiro de 1860, ate 8 de Julho de 1861

104. Sic.

105. Sic.

[...]	[fl. 67]		
		Despeza	
[...]			
Idem	[<i>Despendeo</i>]	com 6 Barricas de Cal e Carreto ate aos Arcos	100 665
Idem	com Francisco Estevaõ	de ir a Peneda especionar o Escadurio	1 000
[...]			
Idem	com Manoel Joaquim Sacristaõ	por Carretos	12 000
[...]	[fl.67v]	[...]	
Idem	com Cavalgadura, e Criado	de ir á Ponte de Mouro ver as Estatuas	1 260
[...]	[fl. 68]	[...]	
Idem	com o Mello	por Conta do Escadurio	136 000
[...]	[fl. 68v]	[...]	
Idem	com Francisco Barreiro	por Conta das Figuras	87 750
[...]			
	<i>Despendeo</i>	com o Mestre Pedreiro Francisco Barreiro com o Completo do Pagamento pelas Estatuas: Fé, Esperança, Caridade, e Gloria: e Carretos Segundo o termo dos Contractos	421 500
[...]	[fl. 69]	[...]	

E por esta forma houveraõ os ditos Mesarios, por concluidas suas contas em relação ao mencionado tempo: por cuja validades¹⁰⁶ vaõ assignar: Consistorio de Nossa Senhora da Peneda, em 8 de Julho de 1861 e Eu Joaõ Manoel Osorio Coutinho Secretario que subscrevi e assignei

Joaõ Manoel Osorio Coutinho
 Thesoureiro o Abbade Antonio José de Brito e Sá
 Procurador o Abbade Joaquim Luiz Ribeiro da Silva

Documento n.º 7

1880 Agosto 25 — Óbito de Francisco Luiz Barreiro.

— Arquivo Paroquial de Barbeita, Óbitos: Freguezia de Barbeita: Monsão.

N.º de ordem: 9. Nome da pessoa falecida: Francisco Luiz Barreiro. Sexo: masculino. Dia, mez e lugar do obito: 25-8-1880, no lugar da Ponte do Mouro. Se recebeu os sacramentos: sim. Se deixou filhos: sim. Edade, estado e freguezia da naturalidade do falecido: 74 annos, viuvo de Maria Josefa Domingues, natural de Barbeita. Nomes dos paes dos falecidos: Antonio Luiz Barreiro e Maria Rosa da Silva. Nome do sacerdote que lavrou o termo: idem¹⁰⁷.

Obras citadas:

ABREU, Alberto A.; LOPES, José da Cruz

1993, *Os valores etno-culturais do lugar de Nossa Senhora da Peneda*, s.l., AEIRA, polic.

AFONSO, Manuel José

1981, *História do santuário e novena de Nossa Senhora da Peneda*, 2.ª ed., Gavieira, Arcos de Valdevez, s.n., 1993.

ALDAMA, José António de

1966, *Caridade*, in «Verbo: Enciclopédia luso-brasileira de cultura», 4, col. 1048-1054.

ALMEIDA, C. A. Ferreira de

1991, *Em torno do Bom Jesus de Braga*, in «Estudos de História Contemporânea portuguesa: homenagem ao Professor Víctor de Sá», org. Centro de História da Universidade do Porto, Lisboa, Horizonte, p. 69-81.

DENZINGER, Heinrich

1850, *Enchiridion symbolorum, definitionum et declarationum de rebus fidei et morum*, 36.ª ed. emend. com notas de Adolf Schönmetzer, Barcelona, Friburgo, Roma, Herder, 1976.

DIAS, Jorge; OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando

1961, *Espigueiros portugueses: sistemas primitivos de secagem e armazenamento de produtos agrícolas*, col. «Portugal de perto» dir. Joaquim Pais de Brito n.º 30, Lisboa, Dom Quixote, 1994.

107. Abade Narciso José Alvares Brandão.

DUPLACY, Jean

1961a, *Esperança*, in «Vocabulário de Teologia bíblica» dir. Xavier Léon-Dufour *et al.*, trad. Simão Voigt, 3.ª ed., Petrópolis, Vozes, 1984, col. 288-293.

1961b, *Fé*, *ibid.*, col. 336-345.

FEIO, Alberto

1930, *Bom Jesus do Monte*, Braga, Confraria do Santuário do Bom Jesus do Monte.

IGREJA CATOLICA

1993, *Catecismo da Igreja Católica*, trad., Coimbra, Gráfica de Coimbra.

LECLERCQ, Henri

1923, *Foi*, in «Dictionnaire d'Archéologie chrétienne et de Liturgie» dir. Fernand Cabrol e Henri Leclercq, Paris, Letouzey, 5, col. 1810.

MASSARO, Mónica F.

1988, *Santuário do Bom Jesus do Monte: fenómeno tardo barroco em Portugal*, Braga, Confraria do Bom Jesus do Monte.

MORREALE, Margherita

1958, *Honor, honra, fama y gloria: a proposito de una monografía sobre latín cristiano*, separata da «Revista portuguesa de Filologia», Coimbra, Faculdade de Letras, Instituto de Estudos Românicos, 1959.

PINTOR, M. A. Bernardo

1976, *Santuário da Senhora da Peneda: uma jóia do Alto Minho*, s.l., autor.

RUIZ BUENO, Daniel

1950, *Actas de los mártires*, texto bilingue, trad., intr. e notas, 4.ª ed., «Biblioteca de Autores Cristianos» n.º 75, Madrid, BAC, 1987.

TAVARES, Antonino

1971, *O Pedro Macau*, s.l., autor.

VILANOVA, Evangelista

1990, *Fé*, in «Dicionário de Pastoral», Aparecida, Santuário; Porto, Perpétuo Socorro, p. 227a-229b.

WIENER, Charles

1961, *Amor*, in «Vocabulário de Teologia bíblica» dir. Xavier Léon-Dufour *et al.*, trad. Simão Voigt, 3.ª ed., Petrópolis, Vozes, 1984, col. 44-53.

Nota. Cumpre-me agradecer: a Mons. Dr. Antonino Dias a facilidade na consulta do Arquivo da Confraria de Nossa Senhora da Peneda, assim como ao Sr. Comandante da PSP de Viana do Castelo e seu sobrinho; a Amadeu Costa a cedência do livro de Antonino Tavares; e a José Mesquita de Matos e aos meus consócios de AEIRA as deslocações à Peneda que só pude fazer graças à sua gentileza.